

SER BÍBLICO EM UMA ÉPOCA PLURALISTA¹

Kevin J. Vanhoozer²

Resumo

Uma forma de definir um discípulo é “alguém que segue as palavras de outra pessoa”. Em uma época pluralista, há muitas palavras acenando para discípulos aspirantes tentando atraí-los para certos modos de vida, todos prometendo algum tipo de bem-estar. Essas formas de expressão³ são ingredientes das visões de mundo, programas ou mapas para nos orientarmos no mundo. As visões de mundo respondem a questões centrais sobre a existência humana, muitas vezes na forma de uma história. Este ensaio argumenta que o pluralismo contemporâneo é o resultado do abandono da Bíblia como nossa história de controle, uma perda tão grande quanto do que Charles Taylor chama de imaginário social. Se esse diagnóstico estiver correto, a melhor maneira para a igreja recuperar uma visão de mundo bíblica é focar na evangelização do imaginário social, um processo que começa com as igrejas locais vivendo o drama da redenção do qual a Bíblia é o roteiro sagrado. O discurso e a ação da igreja vivem através de palavras bíblicas que se fizeram carne.

Palavras-chave: Pluralismo; visão de mundo; história controladora; imaginário social; igreja; discípulo.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 12/06/2025

Aprovado: 3/10/2025

Como citar: VANHOOZER, K. J. Ser bíblico em uma época pluralista. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-29, e2033, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2033>

¹ Publicado originalmente em inglês como: “Being Biblical in a Pluralistic Age”, *Andrews University Seminary Studies*, v. 57, n. 2 (2019), p. 305-326. Artigo reproduzido em português com permissão.

² Ph.D. pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Professor de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois (EUA). E-mail: kvanhooz@tiu.edu

³ No original em inglês, “word-ways” referindo-se a “caminhos” ou “modos” de vida baseados em “palavra(s)”.



BEING BIBLICAL IN A PLURALISTIC AGE

Abstract

One way to define a disciple is “someone who follows the words of another.” In a pluralistic age, there are many words beckoning aspiring disciples, trying to attract them to certain ways of life, all promising some form of well-being. These forms of expression are ingredients of worldviews—programs or maps by which we orient ourselves in the world. Worldviews answer central questions about human existence, often in the form of a story. This essay argues that contemporary pluralism results from the abandonment of the Bible as our controlling story—a loss as great as what Charles Taylor calls the social imaginary. If this diagnosis is correct, the best way for the church to recover a biblical worldview is to focus on the evangelization of the social imaginary, a process that begins with local churches living out the drama of redemption of which the Bible is the sacred script. The speech and action of the church live through biblical words that became flesh.

Keywords: Pluralism; worldview; controlling story; social imaginary; church; disciple.

SER BÍBLICO EN UNA ÉPOCA PLURALISTA

Resumen

Una manera de definir a un discípulo es “alguien que sigue las palabras de otro”. En una época pluralista, hay muchas palabras que llaman a los discípulos aspirantes, tratando de atraerlos a ciertos modos de vida, todos prometiendo algún tipo de bienestar. Estas formas de expresión son ingredientes de las cosmovisiones, programas o mapas que nos orientan en el mundo. Las cosmovisiones responden a preguntas centrales sobre la existencia humana, a menudo en forma de historia. Este ensayo sostiene que el pluralismo contemporáneo es el resultado del abandono de la Biblia como nuestra historia controladora, una pérdida tan grande como lo que Charles Taylor denomina el imaginario social. Si este diagnóstico es correcto, la mejor manera para que la iglesia recupere una cosmovisión bíblica es centrarse en la evangelización del imaginario social, un proceso que comienza con las iglesias locales viviendo el drama de la redención del cual la Biblia es el guion sagrado. El discurso y la acción de la iglesia viven a través de palabras bíblicas que se hicieron carne.

Palabras clave: Pluralismo; cosmovisión; historia controladora; imaginario social; iglesia; discípulo.

INTRODUÇÃO

Palavras, palavras, palavras... Todos nós somos discípulos de certas palavras. Cada um de nós está seguindo algum roteiro, seja da filosofia de Platão (ou uma nota de rodapé disso), de um livro científico, da sabedoria dos pais, de mensagens prontas de cartões comprados,⁴ de biscoitos da sorte ou simplesmente de frases de nossos

⁴ No original em inglês, “Hallmark cards”, ou seja, cartões para datas especiais da empresa Hallmark. Kerygma, Engenheiro Coelho, SP, volume 20, número 1, p. 01-29 | e2033 | Janeiro-Dezembro de 2025 2
Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP



filmes favoritos (“a vida é como um caixa de chocolates”, segundo *Forrest Gump*). Essas palavras compreendem uma história condensada, uma filosofia de vida ou uma visão de mundo, às vezes pequena, às vezes grande, à luz da qual nos orientamos, fazemos sentido das coisas e decidimos como melhor utilizar nossa liberdade. Agir é preferir um modo de contar a nossa história em vez de outro. Palavras de quem nós estamos seguindo?⁵

SABEDORIA E BEM-ESTAR: O PROBLEMA DO UM E DOS MUITOS 2.0

Não somos a primeira geração a enfrentar o desafio de sermos bíblicos em uma era pluralista. O antigo Israel vivia em uma terra pluralista — Canaã — repleta com uma variedade de povos, práticas e religiões, da mesma forma como viveram os primeiros cristãos: basta ler Atos 17 ou as cartas de Paulo à igreja em Corinto. Ouvir e praticar a Palavra de Deus, em vez de algum outro conjunto de palavras, sempre foi o desafio para o povo de Deus (cf., por exemplo, Hurtado, 2016; Netland, 2001).

O período que mais se assemelha ao nosso momento cultural atual, no entanto, pode muito bem ser o 2º século depois de Cristo. Michael Kruger, em seu livro *Christianity at the Crossroads: How the Second Century Shaped the Future of the Church* [Cristianismo na Encruzilhada: Como o Segundo Século Moldou o Futuro da Igreja], descreve-o como um século de transição. Ele admite estar surpreso com o paralelo: “Há muito mais em comum entre a igreja do 2º século e a igreja do século 21 (pelo menos no mundo ocidental) do que eu pensava inicialmente” (Kruger, 2018, p. viii, tradução nossa). Naquela época, como agora, a cristandade possuía pequena influência cultural: “Precisamos aprender (novamente) o que significa ser igreja quando não temos posição social ou política” (Kruger, 2018, p. viii, tradução nossa). Em particular, o compromisso exclusivista do cristianismo para com Jesus Cristo como o Mediador, o caminho e a verdade “era visto não apenas como culturalmente peculiar e intelectualmente deficiente, mas também como politicamente subversivo e uma ameaça para a estabilidade do estado romano [leia-se ‘liberal democrático’]” (Kruger, 2018, p. 6, tradução nossa). Em suma: “O segundo século provou ser um tempo em que o cristianismo se viu profundamente imerso em um mundo ‘pluralista’” (Kruger, (2018, p. 6, tradução nossa). A maneira como reagimos ao

⁵ Sobre o papel das histórias nas visões de mundo, veja N. T. Wright (1992, cap. 3, 5); Webber (2008); Anderson, Clark e Naugle (2017, cap. 4).



momento presente, assim como nossos antepassados espirituais do 2º século fizeram em sua época, certamente moldará o futuro da igreja.

Em toda geração, o povo de Deus tem que decidir as palavras de quem irá seguir. O apóstolo Paulo encorajou a igreja de Corinto a distinguir entre a sabedoria da cruz e a sabedoria do mundo (1Co 1:20-25) e a aprender com o exemplo do fracasso de Israel em ouvir a palavra de Deus (1Co 10:6) (cf. Hays, 1999, p. 111-124; Barclay, 2015, p. 1-20).

Considere, então, como Israel respondeu à palavra de Deus no contexto do pluralismo de sabedorias do Antigo Oriente Próximo (cf. Walton, 2018, especialmente o cap. 13): “Portanto, guardem e cumpram essas leis, porque isto será a sabedoria e o entendimento de vocês aos olhos dos povos que, ouvindo todos esses estatutos, dirão: ‘De fato, este grande povo é gente sábia e inteligente’” (Dt 4:6).⁶ Havia outras palavras e deuses a quem Israel poderia ter seguido. Entretanto, “a sabedoria de Salomão era maior do que a de todos os homens do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios. [...] De todos os povos vinha gente para ouvir a sabedoria de Salomão” (1Rs 4:30,34). Isso torna a afirmação ousada de Jesus ainda mais eletrizante, “aqui está quem é maior do que Salomão” (Mt 12:42). É claro que nem todas as palavras têm o mesmo peso: algumas produzem mais sabedoria do que outras.⁷

Na filosofia grega antiga, o “um e os muitos” refere-se ao problema metafísico de discernir o que há de único por trás de tudo o mais, assumindo um universo unificado.⁸ O problema que este ensaio busca abordar é uma variação sapiencial desse problema: existe uma ou muitas maneiras de viver sabiamente no mundo? O consumismo contemporâneo apenas agrava o problema. Pois hoje, como no 2º século d.C. e no antigo Israel, há uma infinidade de vozes, muitas delas mutuamente excludentes, cada uma proclamando o caminho direto para a vida boa. Tomemos, por exemplo, os diversos “evangelhos” em nossa sociedade secular sobre dieta, saúde e bem-estar. Todos querem comer bem, sentir-se bem e estar bem. Quando

⁶ Quanto à posição da Torá na literatura do Antigo Oriente Próximo, veja John Walton e Harvey Walton (2019), que argumenta que a Torá é tanto uma literatura sapiencial quanto um código legal. Veja também Ryan O'Dowd, (2009).

⁷ Agostinho argumenta que a plenitude da sabedoria de Deus é expressa em Sua Palavra eternamente gerada e encarnada, que é a Sabedoria da Sabedoria, bem como a Luz da Luz (Sobre a trindade, livro 7, disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/130107.htm>. Acesso em: 26 ago. 2025). Veja também James D. G. Dunn (1999, p. 75-92).

⁸ O problema é determinar se existe uma única coisa por trás das muitas coisas no universo e, em caso afirmativo, descobrir o que isso é. Por exemplo, filósofos antigos debatiam se tudo é água, ar ou fogo. Veja mais em Michael C. Stokes (1971).



Jacó viajou para visitar o seu tio, a primeira coisa que ele perguntou quando chegou foi: “Ele vai bem?” (Gn 29:6). O termo hebraico é *shalom*, uma das palavras mais ricas e importantes do Antigo Testamento. Ela pode se aplicar tanto para indivíduos como para grupos e conota não apenas a ausência de conflito, mas também boa saúde, harmonia e plenitude.⁹

O *bem-estar* se tornou uma obsessão nacional e um grande negócio no século 21 (cf. Cederström; Spicer, 2015; Davies, 2015). Na verdade, alguns estudiosos sugerem que a busca do bem-estar define nosso tempo presente, onde a “ética do exercício” substituiu a “ética” protestante “do trabalho”¹⁰. O Global Wellness Institute [Instituto Global para o Bem-Estar] (GWI) é uma organização sem fins lucrativos cuja missão é “informar e capacitar [as pessoas] mundialmente quanto ao bem-estar educando os setores públicos e privados sobre saúde e bem-estar de maneira preventiva”.¹¹ O GWI define bem-estar como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social”.¹² Quem não quer isso? Algumas empresas farmacêuticas oferecem tecnologias de aprimoramento que prometem torná-lo *melhor* do que bem (cf. Elliott, 2003). No entanto, os especialistas discordam. Todos eles pregam um evangelho em que você mesmo pode ficar bem seguindo este ou aquele programa. Mas os programas são todos diferentes. Podem todos eles estar corretos? Como podemos, portanto, decidir as palavras de quem seguir para ficarmos bem? Não se engane: estamos vivendo em uma época em que há uma pluralidade de evangelhos. Seja bem-vindo ao problema do um e dos muitos 2.0.¹³

A Bíblia promete ambos: sabedoria e bem-estar (*shalom*). O Salmo 1, um salmo sapiencial, compara uma pessoa que vive em conformidade com a palavra de Deus (“a lei do Senhor”) a uma árvore que prospera e dá fruto. A oração de João por Gaio (3 Jo 2) menciona explicitamente o bem-estar: “Amado, peço a Deus que tudo corra bem com você e que esteja com boa saúde, assim como vai bem a sua alma.”¹⁴

⁹ *Shalom* pode denotar bem-estar geral, saúde física ou até mesmo salvação. Veja Philip J. Nel, “שְׁלוֹם”, *NIDOTTE*, 4:130.

¹⁰ O autor faz um trocadilho com as expressões *workout ethic* (ética do exercício) e *work ethic* (ética do trabalho).

¹¹ “About US” (Sobre Nós), GWI, <https://globalwellnessinstitute.org/about-us>.

¹² “About US” (Sobre Nós), GWI, <https://globalwellnessinstitute.org/about-us>.

¹³ O que é novo sobre o problema não é simplesmente uma mudança de metafísica (realidade) para epistemologia (conhecimento), pois a sabedoria envolve ambos. O problema sapiencial do um e dos muitos é saber como viver a realidade para florescer em vez de perecer.

¹⁴ Para um contraste entre formas bíblicas e não bíblicas de bem-estar, veja Linda Woodhead, (1999, p. 263-278).



Existem múltiplos caminhos para ficar bem? No que segue, esclareceremos primeiro como uma sequência de palavras torna-se uma visão de mundo. Examinaremos então o que acontece com as visões de mundo em nossa era pluralista. Tendo preparado o cenário, apresentarei minha tese principal, que identifica o maior desafio que o pluralismo representa para os cristãos que buscam viver e pensar biblicamente nesta era pluralista. Em seguida, oferecerei algumas sugestões construtivas sobre o que a igreja precisa para fazer para permanecer bíblica. Concluo com sugestões sobre a forma que o discipulado cristão deve assumir se quisermos ser testemunhas sábias e cativantes em nossa atual era pluralista.

VISÕES DE MUNDO: MAPA DE QUEM? QUAL HISTÓRIA?

Para começar: o que é uma visão de mundo? Mary Poplin diz que as visões de mundo são “como sistemas operacionais de um computador, só que estão em nossa mente” (Poplin, 2014, p. 27, tradução nossa). É uma comparação útil: uma visão de mundo fornece as instruções que rodam o programa que é a nossa vida. Se você se sente mais confortável com cartografia do que informática (papel, não plástico!), você pode pensar em uma visão de mundo como um mapa que fornece uma visão panorâmica da configuração do terreno e, portanto, uma orientação existencial de onde você está situado. Mapas fornecem um quadro de referência sobre o qual você pode tomar decisões a respeito de qual caminho andar para alcançar o seu destino. Pense em uma visão de mundo como um *mapa para o bem-estar*, um quadro de referência que, se você seguir, o levará ao desenvolvimento humano.¹⁵

Visões de mundo são maneiras de visualizar ou se orientar em relação à realidade. Consequentemente, toda visão de mundo tem um componente doutrinário – um conjunto de pressuposições sobre a natureza básica da realidade. Por exemplo, o naturalismo materialista é “a crença de que tudo o que existe no mundo é, em última análise, redutível a fenômenos materiais” (Wolters, 2005, p. 28, tradução nossa). Uma maneira de definir *visão de mundo* é enfatizar o aspecto teórico, como a “lente conceitual através da qual vemos, entendemos e interpretamos o mundo e nosso lugar no mesmo” (Anderson; Clark; Naugle, 2017, p. 12, tradução nossa). Seria errôneo, entretanto, pensar que visões de mundo são puramente cognitivas. Paul

¹⁵ Albert M. Wolters descreve cosmovisão como um “guia para a vida” e sugere que ela “funciona como uma bússola ou um mapa rodoviário. Ela nos orienta para o mundo, nos dá uma noção do que está em cima e embaixo, do que é certo e do que é errado” (2005, p. 5, tradução nossa).



Hiebert, um antropólogo cultural, define visão de mundo de forma mais ampla, como “as pressuposições e estruturas cognitivas, afetivas e avaliativas fundamentais que um grupo de pessoas faz sobre a natureza da realidade e que elas usam para organizar a vida” (Hiebert, 2008, p. 25-26, tradução nossa).

É importante não intelectualizar excessivamente a categoria de cosmovisão. James Sire, autor de *O Universo ao Lado: Um Catálogo Básico Sobre Cosmovisão* (2009), admite já ter exagerado a dimensão cognitiva. As três primeiras edições do seu livro trataram as visões de mundo como algo que possa ser reduzido a um conjunto de proposições filosóficas. No entanto, na quinta edição ele fornece uma definição mais ampla:

Uma visão de mundo é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou como um conjunto de pressupostos [...] os quais nós adotamos (conscientemente ou inconscientemente, consistentemente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece a base sobre a qual vivemos, nos movemos e existimos (Sire, 2009, p. 21, tradução nossa).¹⁶

Em outras palavras, as visões de mundo não se destinam a filósofos apenas, nem são puramente conceituais. Elas são, em vez disso, assuntos do coração, ou seja, parte essencial dos seres humanos, da qual emergem as questões da vida. Uma visão de mundo é uma maneira de pensar e viver que busca um modo de vida que objetiva alcançar ou manter o bem-estar em tantos domínios quantos possíveis: físico, financeiro, psicológico, profissional, social e religioso. A premissa básica deste ensaio é que a nossa época presente, assim como no 2º século, confronta os cristãos com muitas visões de mundo conflitantes. Por razões que vamos esclarecer, no entanto, o choque tem se tornado mais agudo ultimamente.

Visões de mundo tipicamente fornecem respostas para quatro questões essenciais que pairam — seja em segundo ou em primeiro plano — sobre a vida de todos, em todos os lugares e em todos os tempos: (1) Quem sou (e o que significa ser humano)? (2) Onde estou (e em que tipo de mundo vivo)? (3) O que está errado conosco (e se a condição humana é um problema, como isto pode ser resolvido)? (4)

¹⁶ Sire se refere ao discurso de Paulo no Areópago (At 17:28) que cita uma frase do poeta grego Epimênides: “Pois Nele vivemos, nos movemos e existimos.” Como argumentou Roy Clouser, as teorias sobre o mundo e sobre os seres humanos incluem necessariamente um apelo tácito a alguma dimensão religiosa ou senso de transcendência (cf. Clouser, 2005).



Qual é a solução? (Wright, 1992, p. 132-133). Muitas visões de mundo abordam essas questões não com uma lista de “respostas”, mas com uma história abrangente ou “metanarrativa” que fornece uma estrutura de significado. Por exemplo, várias formas de naturalismo materialista, como a história da evolução de Darwin, tornaram-se para muitos modernos o panorama geral deles, o verdadeiro relato de como o mundo funciona e veio a existir da maneira que é.¹⁷

N. T. Wright entende que os autores do Novo Testamento respondem a essas quatro perguntas de visões de mundo. A Bíblia toda articula uma visão de mundo na forma de uma “história controladora”, um quadro de referência em formato narrativo no qual Jesus recapitula e completa a história de Israel (que é também a história de Adão). Para Wright, o conhecimento ocorre “quando as pessoas *encontram coisas que se encaixam* na história específica” (Wright, 1992, p. 37, tradução nossa). A história de Jesus é, em última análise, a história de Deus, por meio da qual Ele demonstra Sua fidelidade à aliança e Sua vitória sobre o mal (Wright, 1996). É também a história em que os seres humanos descobrem a sua verdadeira identidade: Tiago 1:22-25 compara a visão de mundo histórica do Novo Testamento a um espelho no qual nos vemos como realmente somos. Tiago nos convida a ver o mundo, e a nós mesmos, no espelho do texto bíblico e a sermos não apenas ouvintes, mas praticantes da história controladora que está em seu cerne. De fato, a diferença entre a sabedoria e a tolice depende de vivermos ou não a realidade que enxergamos nas Escrituras. Até os demônios *ouvem*. *Fazer* é, portanto, o termo crucial: “As visões de mundo incluem uma práxis, um modo de ser no mundo” (Wright, 1992, p. 124, tradução nossa), um modo de ser que faz discípulos e eventualmente dá origem a toda uma cultura.¹⁸

Uma vez que as visões de mundo alimentam modos de ver, julgar e *atuar*, prefiro falar não de metanarrativas, mas de metadramas, histórias controladoras *materializadas*.¹⁹ Dramas são histórias também, mas são menos contadas do que vividas. Do nascimento à morte, a vida de uma pessoa é uma história com começo, meio e fim, vivida, com outros, no palco da história, no grande teatro do mundo. O drama é, portanto, um modelo peculiarmente adequado para se pensar sobre a

¹⁷ O naturalismo evolutivo é uma das principais histórias de visão de mundo em nossa era secular (cf. Dennett, 1995).

¹⁸ Sobre a importância do imaginário social da Bíblia para o projeto de fazer discípulos, veja Vanhoozer, (2019a).

¹⁹ No original em inglês, “*made flesh*”, ou seja, “encarnadas”.



natureza e a função das visões de mundo. O drama também acrescenta outra pergunta-chave sobre as visões de mundo: O que está acontecendo? O que está transcorrendo e qual é o meu papel nisso (cf. Vanhoozer, 2014)?

A noção de metadrama também é particularmente adequada para expor a visão de mundo cristã, juntamente com sua afirmação central: “E o Verbo Se fez carne” (Jo 1:14). Sabemos como Deus é, antes de tudo, pelo que Ele fez na história. Foi Ele quem tirou Israel do Egito (Êx 20:2) e Jesus da sepultura (At 13:30). O Deus triúno é o principal ator na história controladora cristã. Deus também chamou cada ser humano à existência, lançando-os como personagens na história dele, um “teodrama” (que significa, literalmente, *Deus agindo*), equipando-os com os dons que eles precisam para cumprir as suas respectivas vocações e exigindo que desempenhemos o nosso papel de forma adequada, para a glória de Deus. Em resumo, sermos bíblicos em uma era pluralista requer que nós entendamos a história encarnada, da qual fazemos parte, e participar corretamente, *contribuir* para esta história, abandonando todas as outras. Ser humano é mais do que ser um observador passivo. Não há álibi para ser. Caso gostemos disso ou não, cada um de nós está no palco, atores com papéis a desempenhar, frases para dizer e coisas para fazer. Agimos biblicamente quando fazemos das Escrituras a nossa história controladora, o roteiro para o drama que é a nossa vida.²⁰

Anteriormente, afirmei que todos nós somos discípulos que seguem as palavras de alguém rumo a visões de bem-estar. Não estamos em posição que nos permita ver que as palavras que seguimos fazem o roteiro de nossa vida. A Bíblia é mais do que palavras humanas: ela é a Palavra de Deus, um *roteiro sagrado*. É o relato divinamente autorizado do drama do Cristo, a história encarnada do que Deus fez, está fazendo e fará em Jesus Cristo para restaurar a criação e restaurar os pecadores (cf. Vanhoozer, 2005, cap. 4). A Bíblia responde a todas as perguntas listadas acima. Quem sou? Alguém criado à imagem de Deus atolado em corrupção. Onde estou? Na boa criação de Deus, com outras criaturas, atoladas em corrupção. O que está errado conosco? Desfiguramos a imagem de Deus e desafiamos o Criador; transferimos o nosso primeiro amor para nós mesmos, em vez de para com Deus e para com o próximo. Para onde estamos indo? Bem, isso depende da sua história individual: ela

²⁰ Para estudo sobre uma abordagem teatral para a teologia e a ética cristãs, veja *Faith Speaking Understanding* (Vanhoozer, 2014).



é de rebelião contra Deus ou de arrependimento e renovação em Cristo? O que está acontecendo? A boa notícia é que Deus está adotando pecadores na família Dele em Cristo, moldando-os por meio do Espírito Santo para serem cada vez mais semelhantes a Cristo.²¹

No coração da visão de mundo cristã, então, está o evangelho: o drama do Cristo. Nele, Deus está restaurando todas as coisas. É essa história, esse drama encarnado, que cristãos em todos os lugares deveriam viver. Além disso, o evangelho não se destina apenas aos cristãos, mas é a história verdadeira do mundo, uma história abrangente e uma verdade pública que inclui todas as nações, bem como os céus e a Terra. A história do evangelho é um caminho para a sabedoria e para o bem-estar, mas que se mantém contracultural, pois a sabedoria de Deus é loucura para outras visões de mundo.²²

DEFININDO NOSSA ÉPOCA PLURALISTA

A maneira mais simples de descrever a nossa atual época pluralista é dizer que existem muitas histórias e múltiplos roteiros que servem como estruturas de referência para a vida diária (Tracy, 1987). Muitos deles têm sua própria versão tácita do evangelho, alguns prometem que podemos alcançar o bem-estar se apenas seguirmos um certo conjunto de crenças e práticas. Por exemplo, o autor de best-sellers Deepak Chopra acredita ter encontrado uma maneira para as pessoas alcançarem a “saúde perfeita”, uma condição “que é livre de doenças, que nunca sente dor, que não pode envelhecer ou morrer” (Chopra, 2000, p. 7, tradução nossa). Você está interessado? Quem não estaria? A genialidade de Chopra está em combinar o misticismo da nova era com a física quântica para promover o que ele chama de “cura quântica” (é uma longa história...). De qualquer forma, em nossa época pluralista, há uma infinidade de histórias para escolher — muitos mapas para o bem-estar. E, como no 2º século d.C., há uma tentação, devida à pressão cultural, de

²¹ Para mais, veja o capítulo “The Drama of Discipleship: A Vocation of Spiritual Formation,” no livro *Pictures at a Theological Exhibition: Scenes of the Church’s Worship, Witness, and Wisdom* (Vanhoozer, 2016a, p. 180–199).

²² Sobre a relação de Cristo (a sabedoria de Deus) e a cultura, veja H. Richard Niebuhr (1951). Sobre o poder da Bíblia para subverter e converter visões de mundo, veja Hiebert, (2008, especialmente o cap. 11).



selecionar aspectos de diversas histórias e combiná-los com aspectos da história bíblica. Aí reside o sincretismo, se não a completa tolice.²³

Embora existam boas razões para ficar preocupado, e até alarmado, sobre o destino do cristianismo em nossa época pluralista, permita-me começar destacando os pontos positivos. O pluralismo que vivenciamos hoje não é alheio à decisão do Congresso Americano em 1791 de não estabelecer uma religião estatal. O pluralismo religioso é, em um certo sentido, uma consequência lógica do direito constitucional de exercer a liberdade religiosa. Os cristãos devem ser gratos pelo fato de não vivermos em um império, onde esse direito é severamente restringido, como na China comunista ou onde se poderia ser forçado a adorar deuses pagãos, como na Roma antiga. Um pilar da plataforma pluralista que podemos apoiar é aquele que recusa utilizar a força para suprimir a liberdade de pensamento e de expressão.²⁴

O modesto pluralismo que assegura liberdade religiosa corre o risco de tornar-se, ele mesmo, uma ideologia opressora. No século 21, mais pessoas do que nunca vivem em centros urbanos em um mundo globalizado onde existe um novo tipo de império que reina, não por exércitos, mas pela hegemonia da cultura popular. É minha firme convicção que a cultura – e por ela entendo tudo o que é feito não por reflexo – é o mais poderoso meio de formação de visão de mundo (incluindo formação espiritual) que existe (cf. Vanhoozer, 2019b). Por exemplo, programas de TV tornaram certos estilos de vida socialmente aceitáveis, representando-os com personagens cativantes. O novo império – que podemos denominar complexo de entretenimento industrial da cultura popular – usa a mídia social não para vender bens, mas estilos de vida. O vídeo tornou-se uma arma de instrução em massa.²⁵

Nossa era pluralista tem suas próprias patologias. Primeiro, ela fomenta um espírito de consumismo. Como existem tantos caminhos para uma vida boa, temos

²³ Por “sincretismo”, refiro-me ao fenômeno, observado nas próprias Escrituras, do povo de Deus diluindo ou distorcendo a religião verdadeira por meio da incorporação de práticas e crenças de religiões não bíblicas. O texto de 2 Reis 17:41 pinta um quadro claro e sóbrio de tal sincretismo: “E assim eles adoravam a Deus, o Senhor, *mas também adoravam os seus ídolos*” (NTLH; grifo nosso). Mais recentemente, o sincretismo foi ampliado para conotar uma interpenetração de tradições culturais (cf. Gort *et al.*, 1989). O sincretismo deve ser distinguido da contextualização, a qual é a tentativa de empregar conceitos e materiais culturais para preservar o evangelho em novas situações. Para reflexões úteis sobre como isso deve ser feito e com que critérios (cf. Strange, 2014; Walls, 1996, cap. 1–6).

²⁴ Sobre a Constituição e a liberdade religiosa nos Estados Unidos, veja Lambert (2003, cap. 9, 10) e Kidd (2010, cap. 7).

²⁵ Sobre os meios de comunicação de massa como fonte de visão de mundo e de formação espiritual, veja, entre outros: Macey, Ryan e Springer (2014); Postman (2005); e McLuhan (2003).



que escolher entre eles. O pluralismo religioso associado a John Hick entende as religiões como diferentes “marcas”, por assim dizer, de algo que é essencialmente o mesmo produto: o Eterno. Nenhuma religião tem o monopólio sobre a verdade religiosa porque, para Hick, todas as religiões realizam a mesma coisa: elas ajudam a libertar as pessoas do egocentrismo para o centramento na realidade (Hick, 2004, cap. 14–16). O pluralismo é aqui uma força centrípeta: o que em um primeiro olhar parece ser diversidade entre várias religiões, quando examinado mais de perto, é visto como meras variações de um único tema sagrado.

Uma segunda patologia de nossa era pluralista é a sua tendência para fomentar um espírito de cinismo. Refiro-me, por exemplo, à descrição de François Lyotard sobre a condição pós-moderna como “incredulidade em relação às metanarrativas” (Lyotard, 1984, p. xxiv, tradução nossa). O pluralismo aqui age como uma força centrífuga que impede as pessoas de se estabelecerem sobre qualquer visão de mundo como a verdade. Provavelmente não é acidental que a geração Y, juntamente com as gerações X e Z (talvez a primeira geração verdadeiramente pós-cristã nos Estados Unidos), constituem a maior parte dos chamados “*nones*” (aqueles que não professam qualquer religião), cerca de 23% da população americana adulta (cf. White, 2014; 2017). Eles são ariscos não somente quanto a instituições religiosas, mas também quanto a visões de mundo: Quem, perguntam os *nones*, está em posição de saber as respostas para aquelas perguntas essenciais sobre quem nós somos e para onde estamos indo? Onde estão os alquimistas epistemológicos que podem transformar a escória da opinião relativa no ouro do conhecimento absoluto?

Tem se tornado cada vez mais evidente que estamos vivendo em uma sociedade polarizada onde exércitos ignorantes se chocam por tuítes. O problema mais profundo é que a nossa cultura é anticultura. Com isso quero dizer que nossa sociedade não parece acreditar que haja uma maneira de ser humano que seja superior às demais, nem que existam qualidades humanas universais que todos devessem cultivar. O ser humano tornou-se, em vez disso, uma tela em branco, na qual os indivíduos são convidados a criar seus próprios retratos: arte abstrata encarnada. Muitos pais chegam a escolher nomes que possam servir para meninos ou meninas, para que as crianças possam fazer suas próprias escolhas sobre identidade de gênero. A única coisa que nossa cultura tem certeza de que quer preservar é a



liberdade de escolha. No entanto, a liberdade sem forma é um vácuo, não uma vocação.²⁶

COMO NOSSA ERA PLURALISTA DIFICULTA SER BÍBLICO

O que aconteceu com a autoridade bíblica, isto é, o uso das Escrituras como nossa história controladora em uma era pluralista? Dois eventos são especialmente dignos de nota, e cada um deles é um elemento de uma Revolução Copernicana no que diz respeito ao cristianismo. O primeiro é a “grande reversão” na hermenêutica bíblica no século 18 e a consequente perda do conhecimento básico da Bíblia e da civilização bíblica. O segundo é o “grande deslocamento”, especialmente a forte substituição do imaginário social bíblico por um secular no século 20, que continua a todo vapor.

A grande reversão na hermenêutica bíblica

Dois teólogos de Yale, Hans Frei e George Lindbeck, cada um a seu modo, chamaram atenção para uma revolução fatídica na maneira como os cristãos leem a Bíblia. O que Frei chama de “eclipse” da narrativa bíblica aconteceu no contexto dos debates acadêmicos do início da era moderna sobre hermenêutica bíblica (Frei, 1980). Anteriormente, os cristãos aceitavam a narrativa bíblica como a verdadeira história do mundo e usavam a Bíblia como sua estrutura de entendimento (ou seja, metanarrativa) para interpretar o mundo e sua própria experiência. No entanto, a crítica bíblica do iluminismo levou a uma reversão das polaridades interpretativas: homens e mulheres modernos tornaram-se mais inclinados a aceitar a história contada pelas ciências naturais e sociais do que pelas Escrituras. Desta forma, o aprendizado moderno tornou-se o modelo através qual eles leem a Bíblia. Em vez de encaixar o mundo real em uma estrutura bíblica, os pensadores modernos tentaram encaixar a estrutura bíblica no “mundo real” conhecido independentemente do texto bíblico.²⁷ Enquanto o conhecimento, para os primeiros cristãos, era uma questão de

²⁶ Veja a declaração clássica de Martinho Lutero em seu tratado sobre a liberdade cristã de 1520: “O cristão é o senhor mais livre de todos e não está sujeito a ninguém; um cristão é o servo mais zeloso de todos, e sujeito a todos” (Lull; Russell, 2012, p. 596, tradução nossa). Mais tarde no tratado, Lutero conecta a liberdade cristã com a vocação cristã de participar da realeza e do sacerdócio de Cristo (p. 606-608).

²⁷ George A. Lindbeck clama por uma reversão dessa reversão moderna: “A teologia intratextual redescreve a realidade dentro da estrutura das Escrituras em vez de traduzir as Escrituras em Kerygma, Engenheiro Coelho, SP, volume 20, número 1, p. 01-29 | e2033 | Janeiro-Dezembro de 2025 13
Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP



adaptar o seu mundo ao mundo da Bíblia, os estudiosos modernos são mais inclinados a ajustar a história da Bíblia às suas realidades historicamente reconstruídas criticamente.

Essa grande inversão — a substituição da metanarrativa bíblica por alguma outra coisa — foi de consequências enormes. Lindbeck diz que a nossa perda de habilidade para utilizar a história bíblica como quadro de referência para compreender o mundo “é talvez uma parte mais séria da crise global do que os problemas sociais, econômicos e políticos aos quais mais comumente nos referimos” (Lindbeck, 1986, p. 372, tradução nossa) — e ele nem sequer é evangélico! Lindbeck está certo: a mudança de usar a Bíblia como a lente através da qual olhamos o mundo, para usar conhecimento mundano como a lente através qual inspecionamos a Bíblia é uma revolução tão radical quanto a descoberta de Copérnico de que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário. A tragédia é que essa “grande reversão” vê as coisas ao contrário, assim caindo presa de uma grande confusão. Como diz C. S. Lewis:

A teologia cristã pode se encaixar na ciência, na arte, na moral e nas religiões subcristãs. O ponto de vista científico não pode se encaixar em nenhuma dessas coisas, nem mesmo na própria ciência. Creio no cristianismo como creio no Sol: não só porque o vejo, mas porque através dele vejo todo o resto (Lewis, 2001, p. 140, tradução nossa).

Não se pode servir a duas narrativas mestras; portanto, escolha hoje a narrativa de quem você servirá.

O ensaio de Grant Wacker, “O Fim da Civilização Bíblica”, completa a história, explicando como o que começou como uma reversão acadêmica acabou se infiltrando na mentalidade popular. Wacker afirma que, durante o século 20, o norte-americano comum não havia renunciado à Bíblia, mas simplesmente parado de usá-la como a principal estrutura de plausibilidade para dar sentido ao mundo. As pessoas tendiam a entender o significado dos eventos em termos dos processos históricos deste mundo em vez de em termos da providência divina: “A pressuposição de que o processo histórico é a base da percepção humana [...] tornou-se a marca registrada da mente moderna” (Wacker, 1982, p. 125, tradução nossa). O fim da civilização bíblica, em

categorias extrabíblicas. É o texto, por assim dizer, que absorve o mundo, em vez de o mundo [absorver] o texto” (1984, p. 118, tradução nossa).



outras palavras, foi uma falha da imaginação em ler o nosso mundo em termos da Palavra de Deus.

O imaginário social secularizado

Por trás da grande reversão e do fim da civilização bíblica está o que Charles Taylor denomina de imaginário social em seu livro *A Secular Age*. Um imaginário social é a imagem que enquadra e dá sentido às nossas crenças e práticas cotidianas, a “maneira como as pessoas imaginam sua existência social” (Taylor, 2007, p. 171, tradução nossa). Um imaginário social é aquele ninho de pressupostos básicos, muitas vezes implícitos, que levam as pessoas a perceberem as coisas como certas ou erradas, corretas ou incorretas. É “a maneira como as pessoas comuns ‘imaginam’ os seus arredores sociais [...] expressa não em termos teóricos, mas transmitida em imagens [e] histórias” (Taylor, 2003, p. 23, tradução nossa). É um outro nome para a metáfora raiz (ou narrativa raiz) que molda a percepção de mundo de uma pessoa, sustenta sua visão de mundo e fundamenta sua estrutura de plausibilidade. Por exemplo, a metáfora raiz do “mundo como máquina” gera uma imagem muito diferente do que o “mundo como organismo”. Sócrates disse: “Conhece-te a ti mesmo”, mas hoje nós precisamos adicionar uma emenda: “Conhece a tua cultura”, ou melhor ainda: “Conhece a tua visão de mundo e a metáfora raiz que a gera e governa.”²⁸

Um imaginário social não é uma teoria – a criação de intelectuais –, mas uma maneira histórica (ou narrativa) de pensar. É a história do mundo dada como certa, assumida e transmitida pela linguagem, imagens e práticas características de uma sociedade. Imaginários sociais não são ensinados em universidades, mas capturados quando as pessoas se envolvem com a cultura (lembre-se do argumento de Taylor de que eles são transmitidos “em imagens, histórias e lendas”). Pessoas se tornam seculares não por participarem de aulas sobre Secularidade Básica, mas simplesmente por participarem de uma sociedade que não se refere mais a Deus como costumava fazer. Isso é parte integrante do poder de formação espiritual da cultura a que aludi anteriormente.²⁹

²⁸ Exploro a importância do imaginário social e da imaginação em geral para a igreja e para a teologia em meu livro (Vanhoozer, 2016a, p. 17-46).

²⁹ James K. A. Smith faz uma observação semelhante ao chamar a atenção para o poder formativo do imaginário social do que ele denomina “liturgias culturais” (cf. Smith, 2009, especialmente o cap. 2). Kerygma, Engenheiro Coelho, SP, volume 20, número 1, p. 01-29 | e2033 | Janeiro-Dezembro de 2025 15
Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP



Imaginários sociais são as metáforas e as histórias pelas quais vivemos, as imagens e narrativas que orientam a vida cotidiana e nos doutrinam (Lakoff; Johnson, 2003). Todos nós fomos doutrinados: repletos de doutrinas ou ensinamentos. As doutrinas nas quais cremos, sejam elas filosóficas, políticas ou teológicas, pareçam certas ou erradas, plausíveis ou implausíveis, se baseiam em grande parte em quão bem elas se harmonizam com o imaginário social predominante. Nossa era é secular porque é mantida cativa por uma imagem secular, um imaginário social secularizado. Os ídolos do imaginário social contemporâneo estão frequentemente ocultos à vista de todos. Steve Wilkens e Mark Sanford escreveram um livro, *Hidden Worldviews* [Visões de Mundo Ocultas] (2009), no qual alertam os cristãos para as maneiras sutis como as visões de mundo frequentemente funcionam: “Essas visões de mundo vividas são filosofias populares de vida que têm poucos proponentes intelectuais, mas com um vasto número de praticantes” (Wilkens; Sanford, 2009, tradução nossa). A igreja se torna mundana quando se deixa afetar por coisas como individualismo, consumismo, relativismo moral e outras histórias culturais que estão sendo vividas na sociedade contemporânea.

Taylor usa o termo “estrutura imanente” para descrever a ampla narrativa secular (isto é, deste mundo) para interpretar o mundo. A vida obtém seu significado não de algo transcendente (além do mundo), mas apenas da própria natureza — matéria em movimento, desenvolvimento evolutivo. Taylor caracteriza nossa era como tendo uma visão de mundo “desencantada” — que vê o mundo como um sistema fechado da natureza, sem espaço para a graça sobrenatural. A perda de uma visão de mundo bíblica e o fim da civilização bíblica foram, reveladoramente, não o resultado de alguma descoberta científica ou argumento lógico, mas sim de uma mudança tectônica naquelas pressuposições que damos como certas e que estruturam as crenças e práticas do nosso dia a dia. Se a nossa era pluralista apresenta uma crise para a fé, é porque ela substituiu o imaginário *bíblico* por algum imaginário *secular*.³⁰

Este é não o lugar para listar todas as histórias controladoras que tomaram o lugar das Escrituras na nossa sociedade. Deixe-me apenas mencionar duas variações sobre um tema secular comum. A primeira história é sobre o “amadurecimento” da

³⁰ Para um exemplo de como alguns pastores estão lendo e respondendo ao influente trabalho de Taylor, veja Collin Hansen (2017).



modernidade. O filósofo Kant respondeu a sua própria pergunta e também o título de sua famosa palestra de 1784, “O que é o iluminismo?”, afirmando que se trata da emergência do ser humano de sua imaturidade autoimposta. Tornamo-nos iluminados quando nos livramos das correntes da tradição autoritária e ousamos raciocinar por nós mesmos (cf. Kant, 1997). A segunda história é contada por vários pensadores modernos que se apropriam do que Paulo diz em 1 Coríntios 13:11 para suas próprias agendas ideológicas: “Quando eu era menino, falava como menino [sobre Deus], pensava como menino [ouvindo histórias bíblicas], raciocinava como menino [teologicamente]. Quando me tornei homem, abandonei as maneiras de menino [o cristianismo]” (cf., por exemplo, Dawkins, 2006; também, no espírito de Kant, cf. Ferry, 2011).

Se a primeira história que colonizou a imaginação social da modernidade faz da razão o herói, a segunda venera a liberdade. No entanto, ambas as histórias aceitaram o mito do progresso, segundo o qual o final feliz segue a derrota de várias formas de opressão social, incluindo a ênfase do cristianismo em uma ordem criada e um Salvador exclusivo. O que continua a prender a imaginação popular é essa narrativa moderna de emancipação, ou seja, a história de que a realização humana consiste em uma marcha em direção a maior e maior autonomia individual. Nesse imaginário social emancipatório, a liberdade é em grande parte liberdade *de*, não liberdade *para*. O significado da liberdade que os modernos valorizam é agora uma função do imaginário social secular, e não mais do imaginário social bíblico. O que os modernos querem dizer quando afirmam: “Queremos liberdade” não é o que Paulo quis dizer quando declarou: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5:1).

Em suma, o que significa estar bem na modernidade — um adulto que foi libertado para pensamento livre, gastos livres e vida livre — é bem diferente do bem-estar proclamado pelo evangelho.³¹

SENDO BÍBLICOS: REAVIVA-NOS — ESPECIALMENTE AS NOSSAS IMAGINAÇÕES!

Se um imaginário social secularizado está de fato na raiz da nossa era pluralista contemporânea, o que os cristãos devem fazer a respeito? Argumentos filosóficos sobre a coerência, a abrangência e a adequação existencial das visões de

³¹ Para interrogações sobre a modernidade e a liberdade que ela prometeu, mas falhou de entregar, veja J. Andrew Kirk (2016); também, Stephen N. Williams (1995); e John Milbank (2006).



mundo ainda são importantes, sem dúvida. No entanto, também é verdade que precisamos lidar com os problemas das visões de mundo em suas origens, que, sugiro, é o imaginário social.³²

Dar um testemunho cristão envolve mais do que ganhar discussões. Os apologistas cristãos precisam fazer mais do que estabelecer certos fatos.³³ Com certeza, argumentos históricos em favor da ressurreição corporal permanecem como parte importante da defesa da fé cristã, mas não são suficientes por si mesmos. Se o problema fundamental é um imaginário social secularizado, então precisamos mudar a história fundamental que as pessoas contam para entender Deus, o mundo e a si mesmas. O desafio urgente é mudar o software: o programa ou a metáfora raiz pela qual elas processam suas experiências e pedaços de informação. Para isso, precisamos evangelizar o imaginário social secular.

Infelizmente, muitos cristãos sofrem de imaginações desnutridas, cativos de imagens culturalmente condicionadas de uma vida boa, que se baseiam em celebridades, riqueza e poder social (cf., 2016a). Muitos cristãos professos *querem* acreditar na Bíblia — na verdade, eles *acreditam* nela e estão até preparados para defender a verdade doutrinária — no entanto, eles se descobrem incapazes de ver ou sentir o mundo em termos bíblicos (“Eu creio! Ajude-me na minha falta de fé!”; Mc 9:24). Consequentemente, eles vivenciam uma desconexão perturbadora entre o mundo que eles de fato habitam e o mundo do texto bíblico cuja verdade eles confessam. Suas profissões de fé estão fora de sincronia com suas práticas vividas.³⁴ Se a influência da fé está diminuindo, como revelam as pesquisas de opinião, isso se deve em grande parte a uma falha da imaginação evangélica para conectar os pontos bíblicos e culturais (Stone, 2017). Pastores estão na linha de frente dos caminhos para o social imaginário, e eles podem ajudar lembrando suas congregações repetidamente do que a Bíblia é e para que ela serve.³⁵

³² Felizmente, alguns apologistas cristãos estão reconhecendo a importância da cultura — incluindo a cultura popular — e a imaginação (cf., por exemplo, Turnau, 2012; Ordway, 2017).

³³ Novamente, há desenvolvimentos encorajadores de que a concepção do que está envolvido na apologética tem se ampliado ultimamente da argumentação de evidências e da lógica para o testemunho pessoal integral (cf., por exemplo, Chatraw; Allen, 2018; Gould; Dickinson; Loftin, 2018).

³⁴ O exemplo marcante é a falha da igreja em consistentemente e suficientemente dar testemunho quanto à reconciliação racial (cf. Emerson; Smith, 2000).

³⁵ Vale ressaltar que, ao fazê-lo, o pastor exerce uma vocação teológica (cf. Vanhoozer; Strachan, 2015).



Aqui, então, está a minha recomendação de como ser bíblico em uma época pluralista: devemos recuperar o princípio *sola Scriptura* não simplesmente como um slogan da Reforma que diz respeito aos critérios para a doutrina correta, mas como a regra para imaginar corretamente a realidade — Deus, o mundo e nós mesmos.³⁶ *Sola Scriptura* nos lembra que *somente a Escritura* deve exercer autoridade suprema sobre a fé e a vida cristã, incluindo a imaginação. Os cristãos também precisam recuperar a Bíblia como a sua história controladora, não apenas de sua teologia oficial, mas também da vida e do pensamento cristão cotidiano. Pastores, teólogos, apologistas e evangelistas precisam fazer tudo o que podem para garantir que somente as Escrituras reinem na imaginação congregacional. A esperança é que as igrejas locais atuem então como fermento no pão social mais amplo.³⁷

Vale a pena repetir o conceito central: a cultura secular está atuando no negócio de doutrinação e formação espiritual em tempo integral, mas o que ela está formando são espíritos consumistas e pluralistas, não corações e mentes cativos de Jesus Cristo e Seu reino. O primeiro passo para ser bíblico em uma época pluralista é reconhecer as muitas vozes que competem para formar o imaginário social.³⁸ O evangelho não é simplesmente mais uma história. É, antes, o anúncio impressionante de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos, um anúncio que subverte a sabedoria mundana e liberta a imaginação cativa.³⁹ Essa imaginação “evangélica” — uma imaginação regida pela história do evangelho — nos liberta para vermos, julgarmos e agirmos com fé, de acordo com a forma como as coisas realmente são, em vez da maneira como a ciência secular, Hollywood ou a Avenida Madison⁴⁰ dizem que sejam. São todas essas outras palavras — todo esse ruído desorientador na cultura contemporânea — que merecem serem chamadas de vãs imaginações, não a Bíblia.⁴¹ Somente a imaginação bíblicamente transformada abre a possibilidade de viver de

³⁶ Para uma proposta de recuperar não apenas o princípio *sola Scriptura*, mas também os outras *solas* da Reforma, veja meu livro *Biblical Authority after Babel: Retrieving the Solas in the Spirit of Mere Protestant Christianity* (Vanhoozer, 2016b), especialmente o cap. 3.

³⁷ Para um bom exemplo do que isso pode envolver, veja Eugene H. Peterson (2006, especialmente os caps. 2-5).

³⁸ Vale a pena mencionar novamente neste contexto a importância do trabalho de James K. A. Smith sobre liturgias culturais e seu livro complementar, *You Are What You Love: The Spiritual Power of Habit* (2016).

³⁹ N. T. Wright faz esse argumento convincentemente em seu livro *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (2008, especialmente os cap. 3, 6).

⁴⁰ Nota do tradutor: a Avenida Madison, em Nova York, é frequentemente utilizada como figura de linguagem para representar compras de luxo bem como a indústria americana de propaganda.

⁴¹ Aqui poderíamos lembrar do encontro de Cristão com a Feira das Vaidades na obra *O Peregrino*, de John Bunyan (2020).



acordo com a realidade, de acordo com o que realmente é o caso “em Cristo”: o novo reino criacional de Deus.

Metáforas marcantes, tal como a igreja ser o “corpo de Cristo” (1Co 12:27), são modelos que estruturam o nosso pensamento e a nossa experiência. Uma de minhas metáforas favoritas para a igreja é “nação santa” (1Pe 2:9).⁴² Como nação santa de “eleitos que são forasteiros” (1Pe 1:1), a igreja é encarregada de demonstrar a realidade do reino de Deus na Terra como no Céu.⁴³ A igreja, precisamente por ser uma nação santa e companhia do evangelho, marcha sob a batida de um imaginário social diferente. Sua adoração, testemunho e sabedoria são distintas, na medida em que se orientam pelo que Deus está fazendo em Jesus Cristo. Em um era desencantada, as igrejas locais devem atrair a atenção como lugares povoados onde cenas de reconciliação são regularmente encenadas. Pode ser fácil ignorar argumentos, mas uma comunidade que vive a graça e a verdade de Jesus Cristo é difícil de ignorar.⁴⁴

Ser bíblico, tenho argumentado, envolve mais do que pensar, mais até do que ortodoxia. Os cristãos não devem ser como aqueles que se olham no espelho das Escrituras e depois esquecem do que viram, ou seja, ouvintes (e pensadores!) mas não praticantes (Tg 1:22-25). Se eles quiserem crescer na fé e comunicá-la a outros, também devem aprender a habitar a história da Bíblia.⁴⁵ Eles precisam ouvir e fazer — habitar como pessoas integrais e encarnadas — o estranho novo mundo da história da Bíblia. Quando falhamos em nossa vocação, acabamos reforçando o estereótipo

⁴² Paul S. Minear identifica mais de 90 imagens da igreja no Novo Testamento, sendo o *corpo de Cristo* uma das “principais imagens”, e *nação santa* sendo considerado uma “imagem menor” (1960, tradução nossa).

⁴³ Richard B. Hays sugere que a “nova criação” é a imagem focal na ética do Novo Testamento, e que “a igreja incorpora o poder da ressurreição no meio de um mundo ainda não redimido” (1996, p. 198, tradução nossa).

⁴⁴ O mais famoso apelo para a vida da comunidade cristã é provavelmente a *Epístola a Diogneto*, do 2º século d.C.: “Os cristãos não se distinguem do resto da humanidade pelo país, fala ou costumes. Certamente, este credo deles não é uma descoberta devida a alguma fantasia ou especulação de homens curiosos. No entanto, embora habitem em cidades gregas e não gregas e se conformem aos costumes do país em termos de vestimenta, alimentação e modo de vida em geral, todo o teor de seu modo de vida os caracteriza como digno de admiração e reconhecidamente extraordinário. Eles residem em seus respectivos países, mas apenas como estrangeiros. Toda terra estrangeira é seu lar, e todo lar uma terra estrangeira. Eles se casam como todos os outros e geram filhos; mas não expõem seus descendentes [à morte por abandono]. Sua mesa eles estendem para todos, mas não sua cama. Eles se encontram *na carne*, mas não vivem *de acordo com a carne*. Eles passam seus dias na terra, mas têm cidadania no céu” (Quasten; Plumpe, 1948, v. 6, p. 138-139, tradução nossa, grifo nosso).

⁴⁵ Este é um tema importante do meu livro *Faith Speaking Understanding* (2014, p. 136-138), onde argumento que drama é história ou narrativa que se tornou carne. Os cristãos amadurecem quando desenvolvem mais profundamente sua identidade em Cristo.



de que os cristãos são apenas pessoas bem-intencionadas, voltadas à moral e ao conforto emocional.⁴⁶

Considere por um momento o seriado comédia da emissora de televisão CBS, “Living Biblically” [Vivendo Biblicamente], o qual estreou em 2017 e era baseado em um livro escrito por A. J. Jacobs, *A Year of Living Biblically: One Man’s Humble Quest to Follow the Bible as Literally as Possible* [Um Ano Vivendo Biblicamente: A Busca de um Homem Humilde para Seguir a Bíblia tão Literalmente quanto Possível] (felizmente, o programa foi cancelado após apenas uma temporada). O programa mostrava as aventuras de um homem, que após a morte de seu melhor amigo, decidiu melhorar de vida vivendo de acordo com a Bíblia. Cada episódio recebeu o nome de um mandamento específico (por exemplo, “Não furtarás”) e reforçou efetivamente os estereótipos populares daqueles que defendem um literalismo bíblico fanático. A série deu a impressão geral de que viver biblicamente é uma questão de seguir tudo o que está escrito na Bíblia, incluindo muitas regras culturalmente irrelevantes ou simplesmente esquisitas. Em momento algum o programa reconheceu que viver biblicamente não significa primariamente seguir prescrições morais, mas participar de um roteiro sagrado, um drama de redenção em que nós participamos do que o Pai está fazendo no Filho através do Espírito para renovar a criação e restaurar relacionamentos.⁴⁷

A igreja precisa fazer mais do que praticar a moralidade. Precisamos viver biblicamente, e isso significa nos tornarmos uma nação santa. Em seu melhor momento, a comunidade da igreja faz isso quando habita a história bíblica, assim se tornando uma estrutura de plausibilidade viva para a verdade do evangelho e uma parábola viva do reino. É difícil zombar de uma comunidade que vive a reconciliação em Cristo – especialmente quando tal reconciliação atravessa fronteiras étnicas e de classe, algo que a história controladora secular ainda não conseguiu fazer.

O objetivo de uma visão de mundo cristã não é simplesmente a verdade, mas sabedoria e *shalom* – bem-estar pessoal e global. Lesslie Newbigin diz que a melhor hermenêutica do evangelho é “uma congregação de homens e mulheres que

⁴⁶ Essa é a expressão utilizada por Christian Smith para se referir àqueles que são nominalmente cristãos, mas de fato praticam uma forma moral de religião subcristã centrada em se sentir bem (cf. Smith; Denton, 2005).

⁴⁷ Hays argumenta que a tarefa de ler o texto com atenção e situando-o em contexto canônico deve ser seguido pela tarefa hermenêutica de relacionar o texto com o nosso contexto contemporânea e a tarefa pragmática de “vivendo o texto” (cf. Hays, 1996, p. 5-7).



acreditam nele e vivem por ele” (1989, p. 227, tradução nossa). Poderíamos adicionar que a melhor apologética do evangelho é uma congregação que, em sua vida em comum, demonstra a verdade, bondade e beleza do evangelho. Paul Gould vê, com razão, uma dimensão cultural na tarefa da apologética cristã: precisamos compreender o poder formativo da cultura sobre a imaginação cristã e mostrar dentro da cultura a história cristã de tal maneira que ela responda aos anseios humanos profundamente enraizados tanto pela verdade quanto pela bondade e beleza (cf. Gould, 2019). Não se engane: isso exige bem mais do que produzir argumentos logicamente válidos. O objetivo final de viver biblicamente é tanto evangelístico quanto apologético. Envolve proclamar, revestir-se e então praticar, com temor e tremor, com o auxílio da graça de Deus, a justiça de Cristo (ver Vanhoozer, 2015, p. 3-22). O objetivo final de viver biblicamente é tornar cada igreja local uma exibição dramática, dinâmica e convincente da verdade vivida e da desejabilidade do evangelho. Cabe às igrejas locais tornar o “viver biblicamente” algo mais do que um seriado de comédia cansativo. Antes de podermos testemunhar em nossa sociedade, porém, precisamos colocar em ordem o imaginário social de nossa própria casa.

CONCLUSÃO: CINCO TESES SOBRE SER BÍBLICO, DISCIPULADO E AS VIRTUDES DIALÓGICAS

Resumindo: vivemos em uma época pluralista, que apresenta muitos caminhos para o bem-estar e a sabedoria. No artigo complementar, discutirei como o pluralismo na academia levanta seus próprios desafios quanto à sua relevância bíblica. Minha preocupação no presente ensaio está ligado ao pluralismo na cultura contemporânea e ao desafio que o pluralismo representa para o discipulado cristão. Vimos que a imensa pluralidade de visões de mundo cansa a alma e torna mais difícil acreditar em qualquer uma delas. Em resposta, argumentei que a igreja precisa redimir o imaginário social, resgatando a narrativa bíblica como a verdadeira história do mundo e a autoridade suprema para o pensamento e a vida cristãos. Por fim, sugeri que, para ajudar a consolidar a história cristã e influenciar o imaginário social



mais amplo, os cristãos precisam não só falar sobre isso, mas viver isso — encenar o drama da redenção nas congregações locais.⁴⁸

Reconhecendo a pluralidade — que nem todos leem o evangelho da mesma forma, por exemplo — é uma coisa; pluralismo — a ideologia de que toda fé é tão boa quanto qualquer outra — é outra bem diferente. Newbigin nos ajuda a ver a diferença: “Acredito que um cristão deve acolher alguma medida de pluralidade, mas rejeitar o pluralismo” (Newbigin, 1989, p. 244, tradução nossa). Como cristãos que querem ser bíblicos em uma era pluralista, devemos entender e preservar essa distinção entre pluralidade e pluralismo.

Concluo com cinco teses sobre como dar testemunho cristão bíblico em uma era pluralista. Primeira: ser bíblico significa obedecer à Grande Comissão. Jesus nos ordena a fazer discípulos de todas as nações. A boa notícia em Jesus Cristo não se destina a uma tribo apenas, mas a todo o mundo. O bem-estar não se encontra em nenhum outro. Precisamos pensar mais sobre como responder à Grande Comissão em maneiras que evangelizem o imaginário social. Para fazer discípulos, devemos levar cativo todo o imaginário social.

Segunda: ser bíblico numa era pluralista significa obedecer ao grande mandamento (Willard, 2006). Amar os outros como a nós mesmos significa compartilhar a verdade do evangelho com os outros. Significa falar a verdade do evangelho com amor e amar a verdade que falamos. Ao falar a verdade, teremos que denunciar a falsidade, e isso significa derrubar mitos culturais habilmente elaborados sobre bem-estar. Fazemos isso porque acreditamos que esses caminhos não levam à realização, mas à frustração.

Terceira: ser bíblico numa época pluralista significa aderir à Regra de Ouro: tratar os religiosos e até mesmo os seculares da maneira como queremos ser tratados por eles. Essa foi a essência das recomendações para conduta estabelecida no *Compromisso da Cidade do Cabo*, uma declaração produzida pelo Terceiro Congresso de Lausanne sobre Evangelização Mundial, realizado na África do Sul em 2010. A declaração incisivamente aconselha: “Amar o próximo como a si mesmo inclui pessoas de outras religiões” — e, presumivelmente, pessoas sem nenhuma religião. A plausibilidade do nosso testemunho está diretamente relacionada à

⁴⁸ Eu mesmo tentei fazer isso em *Hearers and Doers* (2016a), onde denuncio as falsas imagens de bem-estar que mantêm nossa sociedade cativa e as contrasto com o evangelho.



“agradabilidade” ou à simpatia do nosso testemunho. Nossa meta é fazer discípulos, não para forçar pessoas a se converterem ao cristianismo. Nosso testemunho do evangelho inclui tanto *o que* dizemos quanto *como* dizemos.⁴⁹

Quarta: ser bíblico envolve não simplesmente crer no evangelho, mas exibir características de cidadãos do evangelho, especialmente a civilidade que convence, aquela mistura tão desafiadora de ousadia e humildade, sem a qual o desacordo respeitoso é impossível: “A civilidade obriga os cidadãos numa sociedade pluralista a terem muito cuidado ao usar as palavras” (Guinness, 2008, p. 188, tradução nossa). Os cristãos precisam ser mais do que meramente civilizados: devem demonstrar as virtudes correspondentes aos cidadãos do evangelho. Isso inclui uma série de características, como ouvir com inteligência e respeitar aqueles com quem discordamos. A *Carta de Williamsburg* (1988) faz uma observação semelhante: “Aqueles que reivindicam o direito de criticar devem assumir a responsabilidade de compreender” (Guinness, 2008, p. 177-198, tradução nossa).

Por último, ser bíblico em uma época pluralista pode, em última análise, significar ser um mártir: uma testemunha que fala a verdade com amor e está disposta, se necessário, sofrer por esse testemunho. Isso requer um certo tipo de pessoa para ser bíblico em uma era pluralista. Já mencionei a importância das virtudes dialógicas – características que habilitam ouvir bem e comunicação eficaz –, mas podemos falar também das virtudes sapienciais, características pessoais e hábitos que fazem toda vida de uma pessoa um testemunho para a verdade do evangelho e a sabedoria da cruz (cf. Vanhoozer, 2016a, p. 217-250).

De quem são as palavras que estamos vivendo? Que roteiro estamos encenando? Paulo exorta sua audiência em Filipos: “Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus” (Fp 2:5), e esse é um bom resumo das minhas cinco teses. Ser bíblico significa aprender a incorporar a mente de Cristo em todos os lugares, para todos, em todos os momentos. “Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar” – pelo amor de Deus e do nosso mundo pluralista. Ser bíblico numa época pluralista praticamente garante que o nosso desempenho como cristãos se destacará, não porque sejamos ótimos atores, mas em razão da grande história para a qual nossas palavras e ações dão testemunho e continuam a se tornar carne.

⁴⁹ Defendo a natureza cruciforme ou martirológica do testemunho cristão em *First Theology: God, Scripture, Hermeneutics* (2002, p. 337-373).



REFERÊNCIAS

- ANDERSON, T. J.; CLARK, W. M.; NAUGLE, D. K. **An introduction to Christian worldview: pursuing God's perspective in a pluralistic world.** Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2017.
- BARCLAY, J. M. G. Crucifixion as wisdom: exploring the ideology of a disreputable social movement. *In*: CHALAMET, C.; ASKANI, H. (ed.). **The wisdom and foolishness of God: first Corinthians 1–2 in theological exploration.** Minneapolis: Fortress, 2015. p. 1-20.
- BUNYAN, J. **O peregrino.** Jandira, SP: Principis, 2020.
- CEDERSTRÖM, C.; SPICER, A. **The wellness syndrome.** Cambridge: Polity, 2015.
- CHATRAW, J. D.; ALLEN, M. D. **Apologetics at the cross: an introduction for Christian witness.** Grand Rapids: Zondervan, 2018.
- CHOPRA, D. **Perfect health: the complete mind/body guide.** rev. ed. New York: Three Rivers Press, 2000.
- CLOUSER, R. A. **The myth of religious neutrality: an essay on the hidden role of religious beliefs in theories.** ed. rev. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005.
- DAVIES, W. **The happiness industry: how the government and big business sold us well-being.** London: Verso, 2015.
- DAWKINS, R. **The God delusion.** New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2006.
- DENNETT, D. C. **Darwin's dangerous idea: evolution and the meanings of life.** New York: Simon & Schuster, 1995.
- DUNN, J. D. G. Jesus: teacher of wisdom or wisdom incarnate? *In*: BARTON, S. C. (ed.). **Where shall wisdom be found? wisdom in the Bible, the church and the contemporary world.** Edinburgh: T&T Clark, 1999. p. 75-92.
- ELLIOTT, C. **Better than well: American medicine meets the American dream.** New York: Norton, 2003.
- EMERSON, M. O.; SMITH, C. **Divided by faith: evangelical religion and the problem of race in America.** Oxford: Oxford University Press, 2000.
- FERRY, L. **A brief history of thought: a philosophical guide to living, learning to live.** New York: HarperCollins, 2011.
- FREI, H. W. **The eclipse of biblical narrative: a study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics.** New Haven: Yale University Press, 1980.
- GORT, J. D.; VROOM, H. M.; FERNHOUT, R. WESSELS, A. (ed.). **Dialogue and syncretism: an interdisciplinary approach, currents of encounter.** Grand Rapids: Eerdmans, 1989.



GOULD, P. M.; DICKINSON, T.; LOFTIN, R. K. **Stand firm: apologetics and the brilliance of the gospel**. Nashville: B&H Academic, 2018.

GOULD, P. M. **Cultural apologetics: renewing the Christian voice, conscience, and imagination in a disenchanted world**. Grand Rapids: Zondervan, 2019.

GUINNESS, O. **The case for civility: and why our future depends on it**. New York: HarperCollins, 2008.

HANSEN, C. (ed.). **Our secular age: ten years of reading and applying Charles Taylor**. Deerfield, IL: The Gospel Coalition, 2017.

HAYS, R. B. **The moral vision of the New Testament: a contemporary introduction to New Testament ethics**. New York: HarperCollins, 1996.

HAYS, R. B. Wisdom according to Paul. In: BARTON, S. C. (ed.). **Where shall wisdom be found? wisdom in the Bible, the church and the contemporary world**. Edinburgh: T&T Clark, 1999. p. 111-124.

HICK, J. **An interpretation of religion: human responses to the transcendent**. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2004.

HIEBERT, P. G. **Transforming worldviews: an anthropological understanding of how people change**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

HURTADO, L. W. **Destroyer of the Gods: early Christian distinctiveness in the roman world**. Waco, TX: Baylor University Press, 2016.

KANT, I. **Foundations of the metaphysics of morals: and, what is enlightenment?** 2. ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1997.

KIDD, T. S. **God of liberty: a religious history of the American revolution**. Nova York: Basic Books, 2010.

KIRK, J. A. **The future of reason, science, and faith: following modernity and post-modernity**. Abingdon, UK: Routledge, 2016.

KRUGER, M. J. **Christianity at the crossroads: how the second century shaped the future of the church**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2018.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAMBERT, F. **The founding fathers and the place of religion in America**. Princeton: Princeton University Press, 2003.

LEWIS, C. S. **The weight of glory: and other addresses**. San Francisco: HarperOne, 2001. (Collected Letters of C. S. Lewis).

LINDBECK, G. A. **The nature of doctrine: religion and society in a postliberal age**. Louisville: Westminster John Knox, 1984.



- LINDBECK, G. Barth and textuality. **Theology Today**, v. 43, n. 3, p. 361-376, 1986.
- LULL, T. F.; RUSSELL, W. R. (ed.). **Martin Luther's basic theological writings**. 3. ed. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2012.
- LYOTARD, J. **The postmodern condition: a report on knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- MACEY, D. A.; RYAN, K. M.; SPRINGER, N. J. (ed.) **How television shapes our worldview: media representations of social trends and chance**. Lanham, MD: Lexington Books, 2014.
- MCLUHAN, M. **Understanding media: the extensions of man**. Berkely: Gingko Press, 2003.
- MILBANK, J. **Theology and social theory: beyond secular reason**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2006.
- MINEAR, P. S. **Images of the church in the New Testament**. Philadelphia: Westminster, 1960.
- NETLAND, H. **Encountering religious pluralism: the challenge to Christian faith mission**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.
- NEWBIGIN, L. **The gospel in a pluralist society**. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.
- NIEBUHR, H. R. **Christ and culture**. Nova York: Harper & Row, 1951.
- O'DOWD, R. **The wisdom of torah: epistemology in Deuteronomy and the wisdom literature**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009. (Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments, v. 225).
- ORDWAY, H. E. **Apologetics and the Christian imagination: an integrated approach to defending the faith**. Steubenville, OH: Emmaus Road Publishing, 2017. (Living Faith).
- PETERSON, E. H. **Eat this book: a conversation in the art of spiritual reading**. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.
- POPLIN, M. **Is reality secular? Testing the assumptions of four global worldviews**. Downers Grove, IL: IVP, 2014.
- POSTMAN, N. **Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business**. 20th ed. Harmondsworth: Penguin Books, 2005.
- QUASTEN, J.; PLUMPE, J. C. **Ancient Christian writers: the works of the fathers in translation**. Mahwah, NJ: The Newman Press, 1948. v. 6.
- SIRE, J. W. **The universe next door: a basic worldview catalogue**. 5. ed. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009.



SMITH, C.; DENTON, M. L. **Soul searching**: the religious and spiritual lives of American teenagers. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SMITH, J. K. A. **Desiring the kingdom**: worship, worldview, and cultural formation. Grand Rapids: Baker Academic, 2009. (Cultural Liturgies, v. 1).

SMITH, J. K. A. **You are what you love**: the spiritual power of habit. Grand Rapids: Brazos, 2016.

STOKES, M. C. **One and many in presocratic philosophy**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

STONE, R. (ed.). **Barna trends 2018**: what's new and what's next at the intersection of faith and culture. Grand Rapids: Baker Books, 2017.

STRANGE, D. **Their rock is not like our rock**: a theology of religions. Grand Rapids: Zondervan, 2014.

TAYLOR, C. **Modern social imaginaries**. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

TAYLOR, C. **A secular age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

TRACY, D. **Plurality and ambiguity**: hermeneutics, religion, hope. Chicago: University of Chicago, 1987.

TURNAU, T. **Popologetics**: popular culture in Christian perspective. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2012.

VANHOOZER, K. J. **First theology**: God, scripture, hermeneutics. Downers Grove, IL: IVP, 2002.

VANHOOZER, K. J. **The drama of doctrine**: a canonical linguistic approach to Christian theology. Louisville: Westminster John Knox, 2005.

VANHOOZER, K. J. **Faith speaking understanding**: performing the drama of doctrine. Louisville: Westminster John Knox, 2014.

VANHOOZER, K. J. Being in Christ: ontology, topology, and the church as eutopic theater. **Criswell Theological Review**, v. 13, n. 1, p. 3-22, 2015.

VANHOOZER, K. J. **Pictures at a theological exhibition**: scenes of the church's worship, witness, and wisdom. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2016a.

VANHOOZER, K. J. **Biblical authority after babel**: retrieving the solas in the spirit of mere protestant Christianity. Grand Rapids: Brazos, 2016b.

VANHOOZER, K. J. **Hearers and doers**: a pastor's guide to making disciples through scripture and doctrine. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019a.

VANHOOZER, K. J. "That's the spirit!" Or, what exactly does spiritual formation? *In*: HIESTAND, G. L.; WILSON, T. (ed.). **Tending soul, mind, and body**: the art and science of spiritual formation. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2019b. p. 49-66.



VANHOOZER, K. J.; STRACHAN, O. **The pastor as public theologian: reclaiming a lost vision.** Grand Rapids: Baker Academic, 2015.

WACKER, G. The demise of biblical civilization. *In*: HATCH, N. O.; NOLL, M. A. (ed.). **The Bible in America: essays in cultural history.** Oxford: Oxford University Press, 1982. p. 121-138.

WALLS, A. F. **The missionary movement in Christian history: studies in the transmission of faith.** Maryknoll, NY: Orbis Books, 1996.

WALTON, J. H. **Ancient near eastern thought and the Old Testament: introducing the conceptual world of the Hebrew Bible.** 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2018.

WALTON, John H.; WALTON, J. Harvey. **The lost world of the torah: law as covenant and wisdom in ancient context.** Downers Grove, IL: IVP Academic, 2019. (The Lost World Series, v. 6).

WEBBER, R. E. **Who gets to narrate the world: contending for the Christian story.** Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008.

WHITE, J. E. **The rise of the nones: understanding and reaching the religiously unaffiliated.** Grand Rapids: Baker Books, 2014.

WHITE, J. E. **Meet generation z: understanding and reaching the new post-Christian world.** Grand Rapids: Baker Books, 2017.

WILKENS, S.; SANFORD, M. L. **Hidden worldviews: eight cultural stories that shape our lives.** Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009.

WILLIAMS, S. N. **Revelation and reconciliation: a window on modernity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WILLARD, D. **The great omission: reclaiming Jesus's essential teachings on discipleship.** New York: HarperCollins, 2006.

WOLTERS, A. M. **Creation regained: biblical basics for a reformational worldview.** 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.

WOODHEAD, L. Sophia or gnosis? Christianity and new age spirituality. *In*: BARTON, S. C. (ed.). **Where shall wisdom be found? wisdom in the bible, the church and the contemporary world.** Edinburgh: T&T Clark, 1999. p. 263-278.

WRIGHT, N. T. **The New Testament and the people of God, Christian origins and the question of God.** Minneapolis: Augsburg Fortress, 1992. v. 1.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the victory of God: Christian origins and the question of God.** Minneapolis: Augsburg Fortress, 1996. v. 2.

WRIGHT, N. T. **Surprised by hope: rethinking heaven, the resurrection, and the mission of the church.** New York: HarperCollins, 2008.